conceitos, orientações e práticas. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

NAVARRO, Mariana Stoeterau. Brincar e mediação na escola. Rev. Bras. Ciênc. Esporte vol.34 no.3 Porto Alegre July/Sept. 2012.

NHARY, Tania Marta da Costa. O que está em jogo no jogo. Cultura, imagens e simbolismos na formação de professores. Dissertação de Mestrado em Educação. UFF. Niterói: RJ, 2006.

PERES, Regina Cristiane N. C. O lúdico no desenvolvimento da criança com paralisia cerebral espástica. Rev. Bras. Cresc. Des. Hum. S. Paulo, 14(3), 2004. Disponível em: file:///C:/Users/Familia/Downloads/40114-47351-1SM%20(1).pdf. Acesso em: 24 de ago de 2022.

PICELI, Lucyelena Amaral. Coletânea de texto n° 1: Dinâmica Lúdica. Apostila Universidade Paranaense- UNIPAR, 2007.

PIANA, MC. A construção do perfil do assistente social no cenário educacional [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. Disponível em: http://books.scielo.org/id/vwc8g/pdf/piana9788579830389-06.pdf. Acesso em: 24 de ago de 2022.

RIBEIRO, Elisa. A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. In: Evidência, olhares e pesquisas em saberes educacionais. Número 4, maio de 2008. Araxá. Centro Universitário do Planalto de Araxá.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. A Entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação dos resultados. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SANT'ANNA, Alexandre ; NASCIMENTO, Paulo Roberto do . A história do lúdico na educação. REVEMAT, eISSN 1981-1322, Florianópolis (SC), v. 06, n. 2, p. 19-36, 2011.

SANTOS, Élia Amaral do Carmo ; JESUS, Basiliano do Carmo de. O lúdico no processo ensino-aprendizagem. 2010. Disponível em: http://need.unemat.br/4_forum/artigos/elia.pdf. Acesso em: 24 de ago de 2022.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. O lúdico na formação do educador. 5 ed. Vozes, Petrópolis, 2002.

SANTOS , Santa Marli Pires dos. (org.). A ludicidade como ciência. Petrópolis: vozes, 2001.

SILVA, João Da Mata Alves Da. O lúdico como metodologia para o ensino de crianças com deficiência intelectual. 2012. Disponível em: http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4736/1/MD_EDUMTE_II_20 12_33.pdf. Acesso em: 24 de ago de 2022.

TEIXEIRA, Mônica de Carvalho ; ROCHA, Jacinto Pereira da ; SILVA, Vanessa Souza da. Lúdico: um espaço para a construção de identidades . [s/d], Disponível em: http://www.ufjf.br/virtu/files/2010/04/artigo-2a26.pdf. Acesso em: 24 de ago de 2022.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

LETRAMENTO: EDUCAR PARA A VIDA

LUANA NARDO DE MIRANDA

RESUMO

O presente artigo é dedicado a todos os educadores e às demais pessoas que lidam com a aprendizagem das competências linguísticas e consiste em uma breve reflexão sobre o letramento como função social em um processo contínuo de inclusão, construção e reconstrução de conhecimento a partir de práticas sociais, determinando e auxiliando a mobilidade social. Nesse contexto surge uma questão que merece ser abordada: estarão todos os educadores realmente capacitados para lidar com qualquer tipo de informação, independente do suporte em que ela esteja?

Palavras Chaves: Letramento, alfabetização, inclusão social, educação.

ABSTRACT

The present article is dedicated to all the educators and to too many persons who deal with the apprenticeship of the linguistic competences and it consists of a short reflection on the literacy like social function of a continuous process of social inclusion, construction and reconstruction of knowledge from social practices, determining and helping the social mobility. In this context there appears a question that deserves to be boarded: will all the educators be really enabled to work with any type of information independent of the support in what it is?

Keywords: Literacy, social inclusion, education.

INTRODUÇÃO

Este artigo contextualiza a importância da alfabetização e do letramento como elementos indissociáveis que se complementam no processo de construção de conhecimento na aquisição da língua escrita, tanto do sistema convencional de escrita (alfabetização) quanto do desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura, escrita e nas práticas sociais que

envolvem o uso desse sistema simbólico em diferentes contextos, o "letramento".

Com base nesse contexto é de suma importância considerar que, tanto as formas de ensinar quanto de aprender acompanham os educadores e dessa forma educadores e educandos também fazem parte desse contexto.

Assim como nossa sociedade, os alunos de hoje em dia acompanham diferentes transformações sociais, apresentam realidades diferentes dos alunos de antigamente. Com isso, as formas de aprendizagem, representação, interpretação, assimilação, desenvolvimento de habilidades, construção e compartilhamento de conhecimento também será diferente. Nesse sentido, é fundamental que tanto professor quanto aluno acompanhem essas transformações, cabendo ao professor a preocupação e a tarefa de relacionar e/ou adequar sua prática pedagógica (ensino da linguagem escrita) à realidade e necessidade de aprendizagem de seus alunos, dando oportunidade aos alunos para que eles não somente codifiquem códigos escritos, mas descubram o universo em que estão inseridos e percebam a sociedade em que vivem em toda a sua totalidade.

Essa perspectiva nos permite reafirmar o papel do professor como sendo essencial na formação de seus alunos e na condução dos mesmos, rumo a uma conquista que os levará não apenas à aquisição do código escrito e descoberta do seu "mundo", mas também a autonomia social e às diferentes dimensões da cidadania.

Estatísticas afirmam que a aprendizagem da língua escrita nas escolas públicas vem apresentando continuamente resultados insatisfatórios. Diante dessa problemática, constatou-se a necessidade de que esse assunto seja observado mais de perto e analisado amplamente pelos profissionais da educação, visto que os mesmos são agentes fundamentais na formação e intelectual dos alunos.

Dessa forma, é imprescindível que os professores sejam mais que intermediadores no processo de construção de conhecimento, mas que sejam aprendizes contínuos, ensinando e aprendendo ao mesmo tempo, utilizando-se de metodologias que despertem nos indivíduos interesse, criticidade e possibilite com isso a capacidade de questionamento nos mesmos, para que estes possam aprender de forma significativa, desenvolvendo potencialidades, as mais fortes ferramentas de humanização, a leitura e a escrita.

Para que essa aprendizagem (na qual os alunos são agentes do processo) tenha um sentido real e efetivo, o professor deve ser um educador em constante formação e atualização, adquirindo novos conhecimentos e desenvolvendo diferentes didáticas.

Esse profissional da educação, como mediador do processo de ensino-aprendizagem, assume então, um papel crítico, reflexivo, problematizador e ativo, sendo um questionador, sempre lendo e buscando novas formas de "saber", que serão compartilhadas.

Podemos observar que aquele professor tradicional que antes ensinava através de métodos formais de alfabetização, com o uso de cartilhas e livros didáticos ultrapassados passa a ensinar letrando, mas sim fazendo uso de textos variados, buscando fazer com que o aluno veja a sua realidade refletida, como sendo parte importante e constitutiva do processo de aprendizagem. Temos então, um educador preocupado com um processo de aprendizagem includente e significativo, pois não basta apenas ensinar os códigos de leitura e escrita, nem tão pouco ensinar relacionando sons a letras, mas ensinar de forma que o aluno aprenda com sentido, sentindo-se parte integrante de sua aprendizagem, sendo ela relacionada à sua realidade, podendo fazer uso dela no seu cotidiano.

Alfabetizar letrando revela uma preocupação em oferecer ao aluno uma formação para a vida, não mais embasadas em decodificação de palavras e textos que inicialmente não lhes dizem nada, que parecem sem sentido, como por exemplo: o boi baba ou a babá e o bebê, ou ainda uma educação bancária, repetitiva, na qual os alunos lêem e escrevem sem entender o que estão escrevendo. Alfabetizar letrando visa possibilitar ao aluno, interagir com a escrita através de textos comuns das pessoas que vivem em sociedade: revistas, jornais, receitas, etc.

HISTÓRIA DO LETRAMENTO

Antes de falar sobre a importância do letramento, se faz necessário conhecer o contexto histórico em que esse termo surgiu, assim como o significado dessa palavra.

A história da palavra letramento em nosso país inicia-se somente na década de 1980, quando foi introduzida em estudos e pesquisas acadêmicas, sob influência do inglês "litteracy", que até a década de 1990, era traduzida por "alfabetização" e mais recentemente também por "alfabetismo" (MORTATTI, 2004, p. 83).

Nesse momento a preocupação com o desenvolvimento das capacidades de leitura e escrita torna-se aparente e direcionada, resultando no surgimento de diferentes nomenclaturas que cada vez mais se aproximavam da palavra como é utilizada nos dias atuais: letramento.

"Litteracy" do inglês, traduzido por "letramento" no Brasil e por "literacia" em Portugal é uma terminologia não dicionarizada que, nos meios acadêmicos, vem sendo utilizada com diferentes sentidos. Litteracy significa pessoa que domina a leitura e a escrita.

O termo em inglês "litteracy" que antiga-

mente remetia a escolarização, alfabetização e alfabetismo, foi, mediante diversos estudos, passando por uma ressignificação de termos, tendo seu conceito ampliado e sendo melhor traduzida, até chegar no termo "letramento".

Embora muitas pesquisas tenham sido desenvolvidas com o objetivo de analisar e definir um termo que melhor pudesse representar as funções de escrita e leitura, ainda hoje o conceito de letramento vem sendo confundido com alfabetização, porém é fato que alfabetização não é letramento e que a alfabetização não precede o letramento.

O letramento vem sendo considerado um elemento indissociável da alfabetização e que esses elementos se completem, seus contextos são diferentes.

Para Mortatti (2004, p. 84), em seu uso corrente o termo letramento "pressupõe uma interação entre exigências sócias e competências individuais". Com base nessa afirmação, pode-se dizer que os níveis de letramento necessários ao funcionamento social podem variar de uma cultura para outra e ainda dentro de uma mesma cultura, de uma época para outra, dessa forma, a pessoa letrada passa a ter uma outra condição social e cultural, muda o seu lugar social, seu modo de viver, sua inserção na cultura e consequentemente uma forma de pensar diferente.

DEFINIÇÃO DA PALAVRA LETRAMENTO

O termo letramento surgiu porque apareceu um fato novo para o qual havia a necessidade um novo nome, um fenômeno que não existia antes.

Definir letramento sempre foi uma tarefa um pouco difícil, visto que a formulação de uma definição precisa ser aceita sem restrições, o que nesse caso, parece quase impossível. Entretanto, alguns autores afirmam que sem uma definição precisa de letramento, torna-se muito difícil avaliá-lo e medi-lo, se fazendo necessária então, uma definição geral do termo.

De acordo com Mortatti (2004, p. 87), o termo "letramento" parece ter sido utilizado pela primeira vez por Mary Kato, na apresentação de seu livro: No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística, de 1986, cujo objetivo é salientar aspectos de ordem psicolinguística que estão envolvidos na aprendizagem da linguagem, no que se refere à aprendizagem escolar por parte das crianças.

Nesse contexto pode-se observar uma preocupação não mais com o ensino formal de aquisição do código escrito, mas sim com uma aprendizagem da leitura para a vida, na qual a função da escola é de formar cidadãos que saibam fazer uso daquela linguagem considerada correta, sendo assim inserido no mundo da escrita e da leitura, utilizando-a de acordo com suas necessidades.

Segundo Tfouni (2000, p. 9), o letramento focaliza os aspectos sócios históricos da aquisição da escrita.

Como base nessa colocação, é possível considerar que o letramento é cultural, adquirido socialmente, no seu cotidiano, através de diversas práticas e em diferentes ambientes, como no âmbito familiar, nas ruas, em igrejas, etc.

Para Vóvio e Souza (2005, p. 43-44):

Pode-se afirmar que as pessoas teriam suas práticas de leitura e escrita delimitadas por configurações singulares de suas histórias de vida, das práticas e atividades de que tomam parte em seu cotidiano, circunscritas aos grupos sociais a que pertencem, à atividade a que se dedicam e, de modo mais abrangente, ao contexto sócio histórico que emoldura sua existência.

Para que o processo de letramento ocorra, se faz necessária a utilização não só de diversos ambientes, mas de vários tipos de materiais escritos com os quais a sociedade se depara diariamente, e isso não se restringe àqueles materiais utilizados no ambiente escolar, mas no cotidiano das pessoas como livros, jornais, revistas, gibis, livros de receitas, placas, faixas, anúncios, outdoors, etc.

"O letramento adquire múltiplas funções e significados, dependendo do contexto em que ele é desenvolvido" (KLEIMAN, 1998, p. 182). Assim, ao analisarmos o contexto histórico e as definições de letramento apresentadas até o momento, podemos enfatizar sua importância, não como um elemento único a ser utilizado no processo de aquisição do código escrito, mas como um elemento que, entrelaçado com a alfabetização, pode proporcionar uma aprendizagem duradoura e realmente significativa.

A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO

Conhecer a história do letramento e sua importância é necessário para sua melhor compreensão. Devem-se deixar de lado exercícios repetitivos, mecânicos e sem sentido, baseados em frases desconexas e descontextualizadas e considerar que a aquisição do código escrito se dá também informalmente, onde os próprios alunos acabam por fazer a construção do conhecimento, tornando-se agentes ativos do processo de ensino-aprendizagem por meio de diferentes práticas sociais, podendo iniciar esse processo em casa, na escola ou em outros meios de convivência social, de modo a interagir constantemente com os usos sociais da escrita, no sentido de compreendê-la melhor e fazer uso desta em diversas situações do seu dia-a-dia.

Nessa perspectiva, pode-se dizer que, os indivíduos podem não saber ler e escrever (analfabetos), mas podem ser de certa forma, letrados, uma vez utilizando a leitura e a es-

crita em práticas sociais.

Para Ziberman (2007, p. 246):

[...] o letramento está sempre presente, mostrando-se sob diferentes perspectivas, dentro e fora da sala de aula, sendo um processo que se inicia antes mesmo de a criança aprender a ler, supondo a convivência com o universo de sinais escritos e sendo precedido pelo domínio da oralidade.

Com base nessas afirmações pode-se dizer que o processo de letramento ocorre independente da escola, já que começa no âmbito familiar, no entanto, é na escola e através do contato da criança com diferentes espaços sociais que esse processo se intensifica. Vemos assim que o processo de letramento implica em que o aluno tenha contato com outros universos associados à leitura e a escrita, abrangendo diversos gêneros textuais.

Nesse sentido, a preocupação em "letrar" vai além do ensino de códigos escritos através do método tradicional, mas requer a compreensão de como fazer uso desses códigos na prática social, bem como perceber e apreender a diversidade textual que circula no meio social, lendo e tendo condições de fazer uma interpretação significativa. No caso da criança, de acordo com Rojo (1998, p. 123):

"Inicialmente, o desenvolvimento da linguagem escrita ou do processo de letramento da criança é dependente, por um lado, do grau de letramento da instituição familiar a que pertence, isto é, da maior ou menor presença, em seu cotidiano, de práticas de leitura e escrita e dos diferentes modos de participação da criança nas práticas discursivas orais em que estas atividades ganham sentido".

Nesse processo o conhecimento da escrita vai se construindo pelo agenciamento de estratégias diversas, desenvolvidas pelas próprias crianças, ou seja, a familiaridade com textos escritos vai ocorrendo de acordo com o entrosamento e a participação social, sendo também um ponto de acesso social e cultural a comunidades às quais ainda não pertencemos.

As crianças convivem diariamente com os mais variados recursos com função de leitura e escrita, fazem uso de diversos materiais e frequenta lugares diferentes, que os possibilita conviver com a escrita em diferentes formatos, suportes e locais: mercados, parques, igrejas, shoppings, etc. A linguagem escrita se faz presente no cotidiano das crianças, se mostrando de uma forma atrativa já que elas podem "ler" o seu universo refletido e "escrito" ao seu redor.

Essa convivência com o "novo" acaba por transformar conhecimentos, modificando a forma de ver o mundo, de pensar, agir e interagir com o próximo e com o meio. Por meio das palavras escritas elas conseguem perceber e absorver o mundo que as cerca.

Vale ressaltar que o letramento ocorre de diversas formas e adquire múltiplas funções e significados, dependendo do contexto em que ele é desenvolvido, isto é, da agência de letramento por ele responsável: família, escola e outros grupos sociais.

LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO: ELEMENTOS INDISSOCIÁVEIS

Diferente do que muitos pensam, o letramento não é uma "continuação" da alfabetização, tampouco uma consequência direta ou indireta da mesma. Letramento e alfabetização são dois processos simultâneos.

A relação entre letramento e alfabetização é como aquela do produto e do processo: enquanto os sistemas de escrita são um produto cultural, a alfabetização e o letramento são processos de aquisição de um sistema escrito, estando indissolúvel e inevitavelmente ligados entre si. (TFOUNI, 2000, p. 9).

Ambos ocorrem em momentos diferentes, mas são complementares e indissociáveis no ensino-aprendizagem inicial de leitura e escrita.

A alfabetização refere-se à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para leitura, escrita e práticas de linguagem, enquanto que o letramento focaliza os aspectos sócio históricos da aquisição da escrita.

Tanto a alfabetização quanto o letramento nos possibilitam diferentes percepções de mundo, contudo, vale lembrar que ambos são essenciais para o processo de aquisição do código escrito, um não podendo ser considerado mais importante que o outro.

Então, se torna de suma importância refletir sobre os modos de alfabetizar na perspectiva do letramento, no sentido de que a alfabetização formal esteja interligada à noções de práticas de letramento afim de proporcionar novos sentidos aos processos de aprendizagem da leitura e da escrita.

Para Goulart (2007, p. 64), "a análise da língua escrita fica subordinada a seus sentidos e a seus usos e funções sociais, o que para nós tem implicações importantes para a qualidade da leitura e da escrita resultante".

A concepção de letramento acaba por possibilitar uma aprendizagem efetiva do código escrito, assim como seu uso em situações cotidianas.

Habilidades de aprendizado devem ser desenvolvidas e conhecimento de leitura e escrita precisam ser ensinadas e aprendidas. Temos para o desenvolvimento desse processo, a escola como uma poderosa agência, proporcionando as condições necessárias à aprendizagem do código escrito e o professor como mediador e intermediário de elementos intelectuais e culturais, que são evidenciados no desenvolvimento e na capa-

cidade de desenvolvimento dos alunos.

O letramento possibilita que professores e alunos compartilhem a relação pedagógica, através de experiências comuns. Essa troca permite que professor e aluno tornem o aprendizado mais interessante.

Ao reafirmar que letramento e alfabetização devem caminhar juntos, devemos refletir sobre a importância de ambos e considerar que os alunos vivem cercados de grandes transformações culturais, sociais, políticas, econômicas e tecnológicas, que surgem em ritmo cada vez mais acelerado. Frente a essa nova realidade, a aprendizagem deixa de estar meramente relacionada ao B + A = BA e passa a assumir uma função social, favorecendo o exercício da cidadania e não apenas do conhecimento das letras e do modo de decodificá-las, mas a possibilidade de fazer uso desse conhecimento em benefício de diversas formas de expressão.

Alfabetizar letrando é acreditar que o conhecimento do código é tão necessário como a compreensão de sentido.

FUNÇÃO SOCIAL DO LETRAMENTO: INCLUSÃO SOCIAL

Para que haja a inclusão social, é preciso ter cuidado para que os alunos não sejam conduzidos pelo professor, apenas reproduzindo as formas que o professor ensinou. Para que haja uma aprendizagem includente é necessário que haja liberdade para que os alunos possam expor e compartilhar ideias, trocar opiniões, construir conhecimento, analisar e refletir criticamente sobre seus erros e acertos, de modo que aprenda a organizar seu conhecimento e adequá-los à realidade.

Segundo Caligari (1998, p. 69):

"A interação social, infelizmente, ainda é um fato ausente de nossas salas de aula e com isso, a escola perde uma importante ferramenta de aprendizagem. É curioso como o ensino precisa ser compartilhado, vivido para fazer sentido para os indivíduos e ser memorizado e usado, quando necessário. Pois é exatamente assim que prendemos".

Os alunos em processo de aprendizagem precisam sentir-se pertencentes a esses universos, e mais do que isso, eles precisam não somente construir conhecimento individualmente, mas compartilhá-lo. Para Preto-Bay (2007, p. 19):

"Esse sentimento de pertença e de valor próprio pode ser fomentado pela participação ativa no processo escolar, tornando, assim, o sistema educativo uma verdadeira ferramenta para a inclusão e participação dos aprendentes nas sociedades à que pertencem".

Desse modo, pode-se afirmar que alfabetizar letrando não é apenas trazer textos diversificados para a sala de aula, mas fazer uso dos mesmos para aproximar os alunos de sua própria realidade no sentido de que a aprendizagem seja significativa e transformadora e possibilite que os alunos possam não apenas aprender a ler e escrever, mas descobrir como funciona o sistema de escrita e no que o mesmo lhes pode ser útil no seu dia-a-dia e futuramente no decorrer de suas vidas, pois é através da leitura que percebemos nossa prática, nossa vivência pessoal no real.

A escola, assim como outros ambientes sociais, oferece possibilidades de socialização, pois nesses ambientes a diversidade cultural está presente diariamente e as interações são constantes, assim como entre alunos e professores, colegas, no cotidiano da família, dos vizinhos de bairro, ou em outro local.

As práticas de letramento também proporcionam momentos de inclusão, no desenvolvimento da identificação cultural e pessoal dos alunos, e as trocas de conhecimento e experiências no coletivo contribuem não apenas para o desenvolvimento de cada indivíduo, mas para todos que participem das interações e da construção de conhecimento como um todo, a partir de conhecimentos prévios que permeiam as trocas e construções de novos significados.

O letramento por sua vez tem que ser entendido como prática social em que se constroem identidade e poder. Ele possibilita que o indivíduo modifique suas condições sob diversos aspectos do âmbito social, cultural, cognitivo e até mesmo econômico. Assim, fazer uso da escrita, na experiência de vida, está ligado à necessidade de sobrevivência e comunicação, à profissão e atuação dos cidadãos em diferentes grupos e comunidades.

Esse é o novo contexto no qual os alunos encontram-se inseridos. Uma realidade onde as palavras são, mais do que nunca, portadoras e geradoras de ideias e a linguagem oral e escrita possibilitam poder e condições, proporciona visibilidade a novas realidades e significados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

... Aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade.

(Paulo Freire)

Nas pontuações realizadas por este artigo, pode-se constatar a dificuldade inicial de muitos estudiosos em definir o letramento, assim como diferenciá-lo do processo de alfabetização, por outro lado, há os que definem com especificidade o termo letramento, considerando-o como um processo de aprendizado do uso da tecnologia da língua escrita.

Percebeu-se também que letramento e alfabetização são processos indissociáveis, que se completam e que o estudo aprofundado do letramento facilitaria o desempenho das pessoas na escrita, na assimilação da leitura e discernir melhor aquilo que estudou para por em prática, sendo um fator determinante para uma boa alfabetização.

Temos o professor como um mediador do processo de letramento, através dos bens materiais e simbólicos criados em sociedade. Ele se torna um intermediador de elementos intelectuais e culturais, com uma grande responsabilidade: ensinar o aluno de forma significativa e possibilitar que ele perceba o universo que o cerca e se adeque a realidade através de práticas sociais.

Verificou-se como se dá o compartilhamento da relação pedagógica entre aluno e professor através de experiências comuns e nesse contexto vemos a linguagem oral e escrita como um fenômeno social, estruturada de forma ativa e grupal do ponto de vista cultural e social.

Foi possível perceber que existe sim uma diferenciação entre ser alfabetizado e ser letrado, ou seja, a pessoa que aprende a ler e a escrever é que se torna alfabetizada e as que passam a fazer uso da leitura e da escrita, a envolver-se nas práticas sociais através delas, é que se tornam letradas.

Foi verificada a importância de se alfabetizar letrando, que nada mais é do que ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita. Dessa forma o educando se torna alfabetizado e letrado ao mesmo tempo.

Outra constatação foi de que a criança precisa, antes de qualquer método eficaz de alfabetização, de uma bagagem rica em variedade de discursos nos mais variados gêneros, que pode ser proporciona através do letramento, já que esse processo de aprendizagem tem como significado os atributos em que a criança pode usar os recursos da língua escrita em momentos de fala, mesmo antes de ser alfabetizada. Esse aprendizado se dá a partir da convivência dos indivíduos, sejam eles crianças ou adultos, com materiais escritos disponíveis como: livros, revistas, cartazes, rótulos de embalagens, panfletos e outros.

É através da leitura que percebemos nossa prática, nossa vivência pessoal no real. E o letramento vem para contestar o que se pensava antigamente: que a criança era iniciada no mundo da leitura somente ao ser alfabetizada. O letramento leva em conta toda a experiência com leitura que a criança tem, antes mesmo de ser capaz de ler os signos escritos.

Enquanto educadores, temos em nossas mãos uma importante tarefa: repassar para quem não possui esse dom, os ensinamentos que o letramento nos oferece. Mais importante do que apenas ensinar a ler e a escrever, é, sobretudo, levar os indivíduos a fazer uso da leitura e da escrita, envolvendo-se em práticas sociais de leitura e de escrita.

Enfim, espero que esse trabalho tenha fornecido informações novas e interessantes e que sua leitura tenho sido tão satisfatória quanto foi para mim, enquanto pesquisadora realizá-lo. Meu desejo é que esse trabalho venha contribuir para novas iniciativas na área da pesquisa e ensino do letramento.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Geraldo Peçanha de. Práticas de alfabetização e letramento. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008. 128 p.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 10520: informação e documentação: apresentação de citações em documentos: apresentação: Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6022: informação e documentação: artigo em publicação periódica científica impressa: apresentação: Rio de Janeiro, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração: Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6024: informação e documentação: numeração progressiva das seções de um documento. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6028: Informação e Documentação: resumo: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

CALIGARI, Luiz Carlos. A respeito de alguns fatos do ensino e da aprendizagem da leitura e da escrita pelas crianças na alfabetização. In: ROJO, Roxane. (Org.). Alfabetização e letramento: perspectivas lingüísticas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998. p. 61-86.

COLELLO, Silvia M. Gasparian. Alfabetização e Letramento: repensando o ensino da língua escrita. Disponível em:

<http://www.hottopos.com/videtur29/silvia.htm>. Acesso em: 26 jul. 2009.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. São Paulo. 41ª ed. São Paulo: Cortez, 2001. 87 p.

GOULART, Cecília. Processos de letramento na infância: aspectos da complexidade de processos de ensino-aprendizagem da linguagem escrita. In: SCHOLZE, Lia; RÖSING, Tania M. K. (Orgs.). Teorias e práticas de letramento. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007. p. 61-82.

KAUFMAN, Ana Maria; RODRÍGUEZ, Maria Elena. Escola, leitura e produção de textos. Tradução de Inajara Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 2007. 179 p.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. Leitura, produção de textos e a escola: reflexões sobre o processo de letramento. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002. 111 p.